

Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes

Janaína Thaís Barbosa Pacheco
Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira
Andréia Mello de Almeida Schneider

Universidade Luterana do Brasil – ULBRA

RESUMO

Este estudo objetivou relacionar os conceitos de estilos e práticas educativas através da análise dos resultados encontrados nas Escalas de Responsividade e Exigência Parentais e no Relatório de Pais. Com isso pretende-se discutir a relação entre as práticas educativas utilizadas pelos pais e as dimensões responsividade e exigência. Participaram deste estudo 20 adolescentes com idade entre 15 e 19 anos, estudantes de escolas particulares da região metropolitana de Porto Alegre. A análise dos dados apontou que quanto aos estilos parentais, pais e mães mostram-se mais responsivos do que exigentes, sendo que as mães obtiveram médias mais altas em ambas as dimensões. A discussão dos dados foi feita a partir da descrição dos itens de cada categoria de práticas, apontando para diferenças nas condutas maternas e paternas, bem como aspectos valorizados pelos adolescentes na sua educação como a participação em decisões e respeito a sua privacidade.

Palavras-chave: Adolescência; estilos parentais; práticas educativas.

ABSTRACT

Parental style and parenting practices: analysis of the relation between the constructs under the perspective of adolescents

This study aimed to correlate the concepts of parental style and practices through the analysis of the results found in the parental scales of responsiveness and demandingness and in the Parents Report, discussing relation between educative practices used by parents and the dimensions of the parental styles. Twenty adolescents aged 15 to 19 and students from private schools of the metropolitan region of Porto Alegre had participated of this study. The analysis of the data showed that, regarding the parental styles, fathers and mothers reveal more responsiveness than demandingness, the mothers being the ones who had higher averages in both the dimensions. The discussion of the data was done from items description of each practice category, pointing out differences in maternal and paternal behaviors, as well as aspects valued by the adolescents in their education as the participation in decisions and respect to privacy.

Keywords: Adolescence; parental style; parenting practices.

INTRODUÇÃO

O processo de socialização, como tarefa fundamental da família, busca introduzir os filhos num contexto social mais amplo do que a família, auxiliando-a na construção de padrões de comportamento socialmente aceitos. Durante a infância, os pais procuram apontar e orientar os comportamentos desses, no sentido de seguirem certos princípios morais e adquirir comportamentos que levem à autonomia e à responsabilidade. Aspectos culturais e desenvolvimentais devem ser considerados no alcance de tais ações

parentais no que concerne ao comportamento e aos objetivos que são desejados para criança (Alvarenga, 2000; Baumrind, 1997; Musitu e Cava, 2001).

A adolescência, como etapa do desenvolvimento humano, tem como tarefa essencial o luto por elementos da infância e a aquisição de um *status* adulto. Neste momento da vida do adolescente, as tarefas relativas à autonomia e à socialização são incrementadas e exigidas frente ao desenvolvimento e à maturidade, especialmente pela força e importância que o grupo de iguais desempenha nesta fase (Reichert, 2006).

É, então, através de estratégias disciplinares específicas, chamadas de práticas educativas, que os pais promovem comportamentos social e moralmente desejáveis e buscam eliminar ou reduzir comportamentos menos desejáveis ou inadequados (Alvarenga e Piccinini, 2001; Baumrind, 1997; Ceballos e Rodrigo, 2003; Hoffman, 1975). As práticas adotadas pelos pais na intenção de educar seus filhos exigem uma interação da díade adulto-criança, em que esses são confrontados com as regras e padrões morais da sociedade. O uso de diferentes práticas educativas e suas variações deve-se, na maioria das vezes, a situações distintas e diversas (Alvarenga e Piccinini, 2001; Baumrind, 1997; Rodrigo, Janssens e Ceballos, 1999).

ANÁLISE DA RELAÇÃO ESTILOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS

Algumas mudanças na forma de definição e investigação das práticas educativas foram introduzidas por Baumrind, que teve seus primeiros estudos publicados sobre o tema em 1966 (Baumrind, 1966). Através da análise da relação entre pais e filhos, a autora destacou duas dimensões importantes para o exercício da parentalidade: a responsividade e o controle. Na década de 80, uma reformulação de seu estudo foi feita por Maccoby e Martin (1983), estabelecendo as dimensões responsividade e exigência que, combinadas, geram quatro estilos parentais: o autoritário, o autoritativo, o negligente e o indulgente.

Os estilos parentais tendem a ser menos variáveis que as práticas educativas e caracterizam-se pela preponderância de alta ou baixa responsividade e exigência, assim como envolvem as atitudes, as práticas e as expressões que caracterizam a natureza das interações parentais (Baumrind, 1997; Reppold, Pacheco e Hutz, 2005; Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz, 2002).

Tendo também investigado as relações entre pais e filhos, mas sob uma perspectiva diferente, Hoffman (1975, 1994), desde a década de 70, busca destacar a importância das estratégias utilizadas pelos pais frente a situações de conflito com os filhos, propondo o conceito de práticas educativas parentais, dimensão distinta dos estilos parentais. Tal distinção se dá no sentido de que as práticas educativas referem-se a situações cotidianas específicas de interação pais-filhos que revelam as estratégias utilizadas pelos pais na educação de seus filhos (Hoffman, 1994). Já os estilos parentais envolvem dimensões da cultura familiar como a dinâmica da comunicação familiar, do apoio emocional e de controle presentes nas interações pais-filhos. Os estilos parentais envolvem também crenças, valores e aspectos relativos à hierarquia das funções e papéis familiares, expressos no exercício da discipli-

na, autoridade e tomada de decisões (Reppold, Pacheco e Hutz, 2005).

No que se refere à dimensão das práticas educativas, Hoffman (1994) salienta que estas se expressam especialmente frente às interações entre pais e filhos que se destinam à socialização, chamadas pelo autor, de encontro disciplinar. Nestas situações, os pais podem utilizar-se predominantemente de dois tipos de estratégias: coercitivas ou indutivas (Hoffman, 1975).

As práticas educativas coercitivas são descritas na literatura como tendo repercussões negativas em diversas áreas do desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, tais como ajustamento social, psicopatologia e desempenho escolar. Isso porque frente a este tipo de intervenção, os filhos, durante a infância dependem de intervenções externas para controlar seu comportamento e acabam por não internalizar as regras sociais e os padrões morais necessários para o ajustamento psicológico (Alvarenga e Piccinini, 2001; Baumrind, 1966, 1997; Bolsoni-Silva e Marturano, 2002; Ferreira e Marturano, 2002; Petit, Bates e Dodge, 1997; Reppold, Pacheco e Hutz, 2005; Salvador, Mestres, Goñi e Gallart, 1999). De forma contrária, as práticas indutivas são apontadas como favorecedoras do desenvolvimento da autonomia no indivíduo, assim como da internalização de padrões morais (Alvarenga, 2000; Ceballos e Rodrigo, 2003; Hoffman, 1994).

A parentalidade, de modo geral, deve ser entendida de forma interdependente, semelhante às demais relações internas do grupo familiar, como as expressões conjugais e de filiação. A função parental contempla as funções materna e paterna entendidas de forma interdependente, pois o cumprimento de uma, por vezes, é orientado pela outra (Bradt, 2001; Passos, 2005). Especificamente, a educação de um filho adolescente supõe uma série de negociações, responsabilidades e dúvidas dos pais, desafiando seu papel e autoridade parental em vistas às mudanças do adolescente.

Os pais têm sido vistos como favorecedores da autonomia dos filhos, encorajando-os em tarefas apropriadas a sua idade e resultando num aprimoramento de comportamentos infantis. As condutas maternas estão mais fortemente associadas à preocupação com os cuidados e à segurança afetiva dos filhos, enquanto as paternas voltam-se à questão da disciplina (Easterbrooks e Goldberg, 1984, Padilla-Carlson, 1998). Nessa mesma perspectiva, ao tratar-se dos estilos parentais, observa-se que a mãe é muitas vezes referida como aquela que apresenta, mais frequentemente do que o pai, o estilo autoritativo, incentivando o diálogo e exercendo controle nos pontos de divergência. Conforme relatos tanto de filhos como de

pais, existe a concordância de que as práticas autoritárias que fazem uso de medidas punitivas na resolução de conflitos e, de forma rígida, impõem valores e regras são raras nas famílias, mas que, por vezes, essas são atribuídas ao pai (Gordon, 2000; Kaufmann et al., 2000; Webber, Viezzer e Brandenburg, 2003).

Com base na literatura revisada, considera-se importante a produção de trabalhos que investiguem a relação entre as dimensões práticas educativas e estilos parentais, por isso, esse estudo objetivou relacionar os resultados encontrados nas Escalas de Responsividade e Exigência Parentais com os encontrados no Relatório de Pais. Com isso, objetiva-se discutir a relação entre os construtos práticas educativas e estilos parentais, no sentido de contribuir para a compreensão e melhor especificação desses conceitos.

MÉTODO

Amostra

Participaram desse estudo 20 adolescentes com idade entre 15 e 19 anos. Esses jovens são estudantes de escolas particulares da Região Metropolitana de Porto Alegre. A amostra foi selecionada por conveniência.

Instrumentos

Os dados foram coletados através da Escala de Responsividade e Exigência Parental (Bardagi, Teixeira e Gomes, 2004) e do Relatório de Pais (Wagner, 2001).

Escala de Responsividade e Exigência Parental

Os estilos parentais foram classificados através de um instrumento de auto-relato (Bardagi, Teixeira e Gomes, 2004) elaborado com base na Escala de Responsividade e de Exigência Parental (Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch, 1991, adaptada para o português por Costa, Teixeira e Gomes, 2000). Esse instrumento é dividido em duas subescalas que avaliam as seguintes dimensões: Exigência e Responsividade – cada uma composta por 12 itens. Nenhuma das escalas apresenta itens com sentido contrário ao que se pretendia avaliar.

Os adolescentes responderam à escala tipo *Likert* de cinco pontos referente à frequência com que seus pais (pais e mães avaliados separadamente) manifestam os comportamentos descritos. A combinação dos escores obtidos nas Escalas de Responsividade e Exigência foi utilizada para determinar os estilos parentais. A Tabela 1 ilustra essa combinação e a determinação dos estilos.

Nesse caso, pais que apresentaram alto nível nas duas dimensões foram classificados como autoritativos e aqueles que apresentaram baixo nível em

responsividade e alto em exigência foram classificados como autoritários. Os pais que apresentaram alto nível em responsividade e baixo em exigência foram classificados como indulgentes e, finalmente, os pais que apresentaram baixo nível tanto em responsividade quanto em exigência foram classificados como negligentes (Lamborn et al., 1991). Os escores de pais e mães foram combinados para classificar o estilo parental do casal. O critério utilizado para determinar se um escore era alto ou baixo foi o da mediana da amostra, a fim de minimizar a exclusão de casos quando da categorização dos estilos e a exemplo de outros estudos que utilizaram esse instrumento (Bardagi, 2002; Pacheco, Teixeira e Gomes, 1999; Reppold, 2001). Além da categorização dos estilos parentais, a Escala permite a análise da média de Responsividade e de Exigência percebida pelos adolescentes.

TABELA 1

Combinação dos escores de responsividade e de exigência parental e a determinação dos estilos parentais.

<i>Estilos parentais</i>	<i>Responsividade</i>	<i>Exigência</i>
Autoritativo	↑	↑
Autoritário	↓	↑
Indulgente	↑	↓
Negligente	↓	↓

Resultados anteriores de estudos utilizando a escala mostram que ela possui boa consistência interna com *Alpha* de Cronbach variando entre 0,75 e 0,80 (Costa, Teixeira e Gomes, 2000). Para a amostra desse estudo, foram encontrados bons índices de consistência interna: 0,93 para a Escala de Exigência; 0,94 para a Escala de Responsividade; 0,93 para a Escala total.

Relatório de Pais

Para a investigação das percepções acerca das estratégias educativas parentais desejáveis e indesejáveis dos pais foi utilizado o Relatório de Pais (Wagner, 2001). Este relatório foi traduzido e adaptado a partir do inventário Parent's Report (Dibble e Cohen, 1974) e contém 48 itens que objetivam avaliar estratégias educativas parentais utilizadas na família. O Relatório pode ser respondido pelo pai, pela mãe e pelo adolescente, separadamente. Nesse trabalho, utilizou-se a versão respondida pelo adolescente.

Silveira, Pacheco, Schneider e Cruz (2005) encontraram, para esse instrumento, um índice de consistência interna igual a 0,77. No presente estudo tal índice foi igual a 0,66.

No instrumento, as estratégias educativas são divididas em oito categorias socialmente desejáveis e

oito socialmente indesejáveis.¹ Os itens são respondidos numa escala *Likert* de cinco pontos que avalia a frequência que os pais utilizam as estratégias educativas descritas, e cada uma das categorias é constituída pelo somatório de três itens da escala.

As categorias socialmente desejáveis são: aceitação da criança como pessoa, a criança como o centro, sensibilidade para os sentimentos da criança, envolvimento positivo, aceitação da autonomia, divisão da tomada de decisões, manutenção da disciplina de forma consistente e controle positivo da disciplina. Já as categorias indesejáveis referem-se a desapego, intromissão, relaxamento do controle da disciplina, manutenção inconsistente da disciplina, controle através da ansiedade, controle através da culpa, controle através da autoridade e evitação da relação. A análise do instrumento produz um escore médio dos sujeitos em cada uma dessas categorias.

Procedimento de coleta de dados

Os adolescentes que participaram da pesquisa foram selecionados por conveniência. No contato inicial foram apresentados os objetivos da pesquisa e aqueles jovens que concordaram em participar e foram autorizados por seus pais, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, receberam a visita do pesquisador. Os instrumentos foram aplicados individualmente e os adolescentes foram orientados a responderem as escalas evitando trocar informações com outras pessoas.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Responsividade e exigência parentais

Os adolescentes responderam à Escala de Estilos Parentais avaliando mãe e pai separadamente, o que permitiu que a análise dos dados fosse realizada sob dois enfoques distintos. O primeiro, analisando-se as dimensões responsividade e exigência; e o segundo detém-se na análise dos estilos parentais obtidos: autoritativo, autoritário, indulgente ou negligente. A Tabela 2 apresenta as médias e as medianas das dimensões Responsividade e Exigência.

Os resultados indicam que, na percepção dos adolescentes, tanto a responsividade quanto a exigência das mães obtiveram média e mediana ligeiramente maior que as dos pais, mas não houve diferenças estatisticamente significativas. Os resultados combinados de pais e de mães mostram que os casais são percebidos pelos adolescentes como mais responsivos do que exigentes.

A distribuição dos estilos parentais é similar aos resultados em outros estudos (Bardagi, 2002; Pacheco, Teixeira e Gomes, 1999; Reppold, 2001), indicando que os estilos autoritativo e negligente são os mais frequentemente percebidos pelos adolescentes.

Resultados da correlação

A fim de verificar a relação entre responsividade, exigência e as categorias de práticas educativas realizou-se uma Correlação Spearman. A Tabela 4 apre-

TABELA 2
Médias de responsividade e exigência parental.

	<i>Responsividade Pai</i>	<i>Responsividade Mãe</i>	<i>Exigência Pai</i>	<i>Exigência Mãe</i>	<i>Responsividade combinada</i>	<i>Exigência combinada</i>
Média	38	40,3	34.5	35.5	78.3	69.8
Mediana	40,5	42	38	38.5	83	76

TABELA 3
Frequência de estilos parentais.

	<i>Estilo materno</i>		<i>Estilo paterno</i>		<i>Estilo combinado</i>	
	<i>Frequência</i>	<i>Percentil</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentil</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentil</i>
Autoritativo	6	33,3	7	36.8	6	33,3
Autoritário	3	16,7	3	15.8	3	16,7
Indulgente	3	16,7	3	15.8	3	16,7
Negligente	6	33,3	3	31.6	3	33,3

¹ Para melhor descrição das categorias de estratégias educativas parentais socialmente desejáveis e indesejáveis ver Pacheco, J.T.B.; Silveira, L.M.O.B., Schneider, A.A. e Cruz, T. (2005). Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: Uma comparação entre a percepção de pais e de mães de adolescentes. *Alethia*, 21, pp. 31-42.

sentas as correlações encontradas entre as dimensões responsividade e exigência, paterna e materna, e as categorias de práticas educativas desejáveis e indesejáveis.

TABELA 4
Resultados da correlação de Spearman entre responsividade e exigência e práticas educativas parentais.

<i>Dimensão</i>	<i>Categorias de Práticas Educativas</i>	<i>Índice de Correlação (r)</i>
Responsividade Paterna	Envolvimento positivo com a criança (CD4)	(r=72)**
	A criança como centro (CD2)	(r=65)**
	Aceitação da criança como pessoa (CD1)	(r=57)**
	Sensibilidade para os sentimentos da criança (CD3)	(r=62)**
	Aceitação da autonomia (CD5)	(r=54)*
	Dividir a tomada de decisões (CD6)	(r=46)*
Exigência Paterna	Intromissão (CI2)	(r= - 47)*
	Manter a disciplina de forma consistente (CD7)	(r=58)**
Responsividade Materna	Controle através da culpa (CI6)	(r=45)*
	Envolvimento positivo com a criança (CD4)	(r=79)**
	A criança como centro (CD2)	(r=67)**
	Aceitação da criança como pessoa (CD1)	(r=54)*
Exigência Materna	Sensibilidade para os sentimentos da criança (CD3)	(r=63)**
	Manter a disciplina de forma consistente (CD7)	(r=55)*
Exigência Materna	Controle através da culpa (CI6)	(r=52)*

* p<0.05; ** p<0.01.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse estudo objetivou relacionar os resultados encontrados na Escala de Responsividade e Exigência Parental com os encontrados no Relatório de Pais. Com isso, pretendeu-se estabelecer uma discussão interligando as práticas educativas utilizadas pelos pais e as dimensões responsividade e exigência parental. Considerando as características dos instrumentos utilizados, ambas as categorias foram investigadas de acordo com a percepção dos adolescentes a respeito do comportamento de seus pais.

As dimensões práticas educativas e estilos parentais têm sido pesquisadas e discutidas na literatura cuja preocupação é investigar a forma de criação dos filhos e suas implicações para o desenvolvimento de crianças e de adolescentes (Alvarenga, 2000; Bardagi, 2002; Baumrind, 1996, 1997; Bolsoni-Silva e Marturano, 2002; Hoffman, 1994; Pacheco et al., 1999; Reppold, 2001; Silveira et al., 2005). Alguns autores tratam essas duas categorias como sinônimos, sem estabelecer claramente uma distinção conceitual entre ambas (Gomide, 2003). No entanto, a maior parte dos trabalhos assume que práticas educativas e estilos parentais constituem-se em dimensões diferentes tanto conceitualmente quanto na forma de avaliação (Pacheco, 2004; Reppold et al., 2002; Reppold et al., 2005). Nesse sentido, as práticas educativas podem ser definidas como as estratégias que os pais utilizam para lidar diretamente com o comportamento dos filhos e que objetivam promover a socialização desses

(Reppold et al., 2002). Por outro lado, o estilo parental caracteriza a forma como os pais lidam com as questões de poder e hierarquia na relação com os filhos e as posições que adotam frente aos problemas disciplinares, ao controle do comportamento e à tomada de decisões (Hennigen, 1994), constituindo-se em uma categoria mais ampla de análise. As duas dimensões têm sido avaliadas por entrevistas (Pacheco, 2004) e por escalas (Costa et al., 2000; Gomide, 2003), tais como as utilizadas nessa pesquisa: a Escala de Responsividade e Exigência Parental enquanto o Relatório de Pais (Wagner, 2001) avalia o conteúdo de algumas práticas educativas.

Os resultados deste estudo indicaram correlações entre as dimensões responsividade e exigência e algumas categorias de práticas educativas parentais. Optou-se por analisar pai e mãe separadamente a fim de investigar possíveis diferenças.

A responsividade, de acordo com Baumrind (1997), inclui características como reciprocidade, comunicação, afetividade, apoio, aquiescência parental, reconhecimento e respeito à individualidade do filho. Congruente com essa definição, a responsividade paterna e materna correlacionou positivamente as seguintes categorias de práticas educativas: envolvimento positivo com a criança, a criança como centro, aceitação da criança como pessoa, sensibilidade para os sentimentos da criança, aceitação da autonomia e divisão na tomada de decisões. A responsividade paterna correlacionou positivamente com a aceitação da autonomia e a divisão na tomada de decisões e negativa-

mente a intromissão. Essa diferença encontrada entre mães e pais, de acordo com a percepção dos adolescentes, merece ser discutida.

É interessante observar que a responsividade paterna percebida pelos jovens inclui não somente práticas educativas que sinalizam aceitação e envolvimento (também percebidas em relação às mães), mas práticas que favorecem o desenvolvimento de autonomia e de independência. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo realizado por Easterbrooks e Goldberg (1984) que indicou que os pais, quando comparados às mães, aparecem como facilitadores de condutas autônomas pela criança.

No Relatório de Pais, a categoria “*aceitação da autonomia*” é composta de itens como “meus pais gostam que eu faça as coisas do meu jeito”, “meus pais sabem que eu preciso de privacidade” e “meus pais deixam que eu me vista como eu quiser”. Já a categoria “*dividir a tomada de decisões*” é composta por itens como “meus pais deixam que eu tome as decisões junto deles”, “meus pais me deixam ajudá-los a decidir as coisas, quando estas também me dizem respeito” e “meus pais aceitam uma decisão minha, mesmo quando esta não for de acordo com o que eles pensam”. A descrição desses itens permite reconhecer que os adolescentes se sentem mais respeitados em sua individualidade e privacidade, bem como no desenvolvimento de sua autonomia, pelos pais do que pelas mães. Além disso, os adolescentes percebem nos pais uma parceria para auxiliar no processo de tomada de decisões em sua vida e se sentem incluídos nas decisões que, de alguma forma, o afetam. É importante lembrar que a formação da identidade, que inclui uma série de escolhas, constitui-se em uma importante tarefa da adolescência e que se sentir apoiado para tais escolhas é um fator de proteção para o adolescente.

Essa análise torna-se mais consistente ao se observar a correlação negativa entre responsividade paterna e intromissão. Ou seja, quanto mais responsivos os jovens percebem seus pais, menos os consideram intrusivos.

A confusão entre responsividade e intromissão ou intrusão é comum entre pais, principalmente entre pais de adolescentes. De acordo com Patterson, Reid e Dishion (1992) e Pettit et al. (2001), a intrusão relaciona-se à perda de privacidade do jovem e ao desrespeito a sua individualidade. Alguns pais, com a intenção de serem atenciosos ou de monitorar os filhos, acabam adotando estratégias educativas que são percebidas como intrusivas e que parecem afetar negativamente o adolescente, impedindo o desenvolvimento de autonomia, de auto-regulação, mantendo o jovem emocionalmente dependente dos pais ou gerando conduta de rebeldia às regras e normas propostas pela fa-

mília. Um estudo realizado por Pacheco (2004) encontrou que pais de adolescentes infratores foram considerados mais intrusivos do que pais de adolescentes não-infratores. Esse resultado está de acordo com os achados de outros estudos que relacionam intrusividade parental e a ocorrência de problemas de comportamento na adolescência.

A exigência refere-se à disponibilidade dos pais para exercerem o papel de agentes socializadores através de supervisão, do monitoramento do comportamento dos filhos, do estabelecimento de expectativas de desempenho, da cobrança e da disciplina consistente e contingente (Baumrind, 1997). Embora essa dimensão esteja relacionada ao controle do comportamento e ao estabelecimento de limites, não há referência na literatura quanto a sua relação com estratégias aversivas como punição. Dessa forma, entende-se que os pais podem ser exigentes quanto à conduta dos filhos utilizando práticas consistentes, firmes, claras e sem conotação aversiva.

Tanto a exigência paterna quanto a exigência materna correlacionaram-se com as categorias de práticas educativas “*manter a disciplina de forma consistente*” e “*controle através da culpa*”. A primeira categoria é definida pelos itens “meus pais cuidam para que eu obedeça suas ordens”, “meus pais me punem quando eu os desobedeço” e “meus pais deixam as regras claras para que eu as siga”. O “*controle através da culpa*” define-se por ser uma categoria de comportamentos indesejáveis que podem ser utilizados pelos pais e é constituído pelos seguintes itens: “meus pais ficam magoados quando não faço o que eles me dizem”, “meus pais ficam me lembrando tudo o que fizera por mim quando querem que eu obedeça” e “meus pais me mostram que, se eu realmente me importasse com eles, não faria coisas que os preocupam”.

A análise dos itens do Relatório e a correlação encontrada entre exigência e a categoria de prática educativa “*manter a disciplina de forma consistente*” parece traduzir a forma como os jovens pesquisados percebem o comportamento dos pais, quando esses pretendem controlar suas atitudes e se fazerem obedecidos. Ressalta-se que o elemento punição está presente, na percepção dos filhos, utilizada quando esses não cumprem as regras ou ordens estabelecidas. Possivelmente, trata-se de uma punição branda (Patterson et al., 1992) empregada na forma de castigos e privações de privilégios e outros estudos poderão estabelecer uma melhor definição desse aspecto.

Por outro lado, a correlação entre exigência e “*controle através da culpa*” parece preocupante. A dimensão exigência, em sua definição, está relacionada ao monitoramento e ao controle do comportamento dos filhos. O monitoramento refere-se ao controle no

sentido de saber onde está, com quem está e o que o filho está fazendo (Patterson et al., 1992). No entanto, algumas famílias confundem esse tipo de controle com o controle psicológico.

Para Pettit et al. (2001), o controle psicológico parece afetar negativamente o adolescente. Muitos podem ser os recursos utilizados pelos pais a fim de exercerem o controle psicológico. No caso do grupo investigado, os adolescentes identificaram o uso da culpa como forma dos pais os impelirem de fazer o que determinam. Tal recurso pode inibir ou interferir na aquisição de independência, gerar sentimentos negativos como ansiedade e raiva, além da própria culpa e, conseqüentemente, prejudicar substancialmente a relação entre pais e filhos.

Pettit et al. (2001) encontraram em um estudo longitudinal que o controle psicológico foi antecedido por práticas parentais rígidas na infância e pela percepção, por parte das mães, de ocorrência de problemas de comportamento em seus filhos. Além disso, o controle psicológico foi associado a altos níveis de ansiedade, depressão e comportamento delinqüente. Tais achados remetem aos efeitos prejudiciais para o desenvolvimento dos adolescentes do controle psicológico empregado por seus pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estilos parentais e práticas educativas são conceitos, por vezes tratados pela literatura, como sinônimos, outras, como construtos diferentes. Entretanto, ambos referem-se ao processo de socialização da criança, temática estudada pela Psicologia do Desenvolvimento. A posição adotada neste artigo considera que estilos parentais e práticas educativas referem-se a dimensões distintas do processo educativo, pois é possível encontrar diferenças conceituais e na forma de avaliação. Contudo, estes dois conceitos parecem estar estreitamente ligados. O objetivo deste estudo foi investigar, a partir da visão de adolescentes, as relações entre estilos e práticas educativas parentais correlacionando os resultados encontrados nas Escalas de Responsividade e Exigência Parentais e no Relatório de Pais.

Os resultados obtidos através da percepção dos adolescentes a respeito do comportamento de seus pais, indicam, conforme se esperava, que é possível uma discussão interligando as práticas educativas utilizadas pelos pais e as dimensões responsividade e exigência parental. Dessa forma, o presente estudo se faz importante no sentido de evidenciar a existência de uma correlação entre os dois construtos, apesar da distinção conceitual. A forma de criação das crianças tem implicações no desenvolvimento social dessas, tanto

no que se refere à transmissão de crenças, valores, desempenho de papéis e funções familiares como a forma como esse processo ocorre.

A investigação acerca das correlações entre estilos parentais e práticas educativas justifica-se ao considerar-se o que envolve a educação dos filhos dentro das atuais configurações familiares, podendo contribuir na prevenção de práticas inadequadas. Parece importante também ressaltar a importância de achados que apontem convergências e divergências no papel educativo de pais e mães. Muitas transformações vêm ocorrendo nas últimas décadas dentro da família e é importante que estas sejam explicitadas e investigadas para subsidiarem os estudos empíricos e transcender a aparente “divisão” de papéis em função do gênero.

Além disso, pode-se pensar também na análise de respostas acerca dos estilos e das práticas dos pais e das mães, a fim de verificar se há concordância entre a percepção de pais e filhos quanto ao processo educativo empregado na família. Com os dados parentais ter-se-á também mais subsídios para complementar a análise de correlação entre os conceitos. Sugere-se, ainda, a realização de estudos com amostras maiores, possibilitando uma análise mais consistente dos dados.

Uma vez que este trabalho foi realizado com adolescentes, é preciso considerar que esta fase do desenvolvimento é usualmente composta por um momento irrequieto na relação parental. A adolescência é caracterizada por uma tendência à crítica aos modelos parentais, bem como pelo aumento dos conflitos entre pais e filhos. Nesse sentido, muitas diferenças entre as percepções de pais e de filhos e, ainda, as críticas com relação às práticas utilizadas, podem ser devidas ao momento evolutivo pelo qual eles e a própria família estão passando.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P. (2000). *Práticas educativas maternas e problemas de comportamento na infância*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 449-460.
- Bardagi, M. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. Manuscrito não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Bardagi, M.; Teixeira, M., & Gomes, W. (2004) Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3, 1, 1-12.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1996). Parenting: The discipline controversy revisited. *Family Relations*, 15, 405-414.

- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: Contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior*, 2, 321-335.
- Bolsoni-Silva, A., & Marturano, E. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos em Psicologia*, 7 (2), 227-235.
- Bradt, J. O. (2001). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In B. Carter, M. McGoldrick et al. *As Mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, (2ª ed.): (pp. 206-222). Porto Alegre: Artmed.
- Ceballos E., & Rodrigo, M. J. (2003). Las metas y estrategias de socialización entre padres e hijos. In M. J. Rodrigo e J. Palacios (Coord.), *Familia y desarrollo humano*, (4ª ed.): (pp. 225-244). Madrid: Alianza Editorial.
- Costa, F., Teixeira, M. A., & Gomes, W. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 3, 465-473.
- Dibble, E., & Cohen, D. J. (1974). Comparison instruments for measuring children's competence and parental style. *Archives of General Psychiatry*, 30, 805-815.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development*, 55, 740-752.
- Ferreira, F. de C., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 1, 35-44.
- Gomide, P. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette e Z. Del Prette. (2003). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Editora Alínea.
- Gordon, L. (2000). Linking gender differences in parenting to atypology of family parenting styles and adolescent developmental outcomes. *Dissertations Abstracts International, Section, 60*, 41-96.
- Hennigen, I. (1994). *Dimensões psicossociais da adolescência: Identidade, relação familiar e relação com amigos*. [Dissertação de Mestrado não publicada], Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Hoffman, M. (1975). Moral Internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11, 228-239.
- Hoffman, M. (1994). Discipline and Internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Kaufmann, D. et al. (2000). The relation between parenting style and children's adjustment: The parents' perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 9, 2, 231-245.
- Lamborn, S., Mounts, N., Steinberg, L., & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In P. H. Mussen., & E. Hetherington (Eds.). *Handbook of child psychology*. (Vol. 4; Socialization, personality and social development (pp.1-101). New York: Wiley.
- Musitu, G., & Cava, M. J. (2001). *La familia y la educación*. Barcelona: Octaedro.
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 117-126.
- Pacheco, J. (2004). *A construção do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais: Uma análise a partir das práticas educativas e dos estilos parentais*. [Tese de Doutorado não-publicada], Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Padilla-Carlson, J. (1998). Parental socialization of infants and preschoolers: The role of gender and temperament. *Dissertations Abstracts International, Section, 59*, 2459.
- Passos, M. C. (2005). Nem tudo que muda, muda tudo: Um estudo sobre as funções da família. In T. Ferrés-Carneiro (Org.). *Família e Casal: Efeitos da Contemporaneidade* (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Patterson, G. R., Reid, J., & Dishion, T. (1992). *Antisocial boys*. Eugene: Castalia Publishing Company.
- Pettit, G.S., Bates, J.E., & Dodge, K. A. (1997). Supportive parenting, ecological context, and children's adjustment: A seven-year longitudinal study. *Child Development*, 68, 908-923.
- Pettit, G., Laird, R., Dodge, K., Bates, J., & Criss, M. (2001). Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. *Child Development*, 72, 583-598.
- Reichert, C. B. (2006). *Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais*. [Dissertação de Mestrado, não-publicada], Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Reppold, C. T. (2001). *Estilos parentais percebidos, auto-estima e depressão em adolescentes adotados*. [Dissertação de Mestrado não-publicada], Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Reppold, C., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e o desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In C. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 7-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In C. Hutz (Org.), *Violência e risco na infância e adolescência: Pesquisa e Intervenção*. (pp. 9-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rodrigo, M. J., Janssens, J. M. A. M., & Ceballos, E. (1999). Do children's perceptions and attributions mediate the effects of mothers' child-rearing actions? *Journal of Family Psychology*, 13, 4, 508-522.
- Salvador, C. C., Mestres, M. M., Goñi, J. O., & Gallart, I. S. (1999). A Organização social da educação: Práticas educativas e desenvolvimento humano. In C. C. Salvador (Org.), *Psicologia da Educação* (pp. 141-149). Porto Alegre: Artes Médicas
- Silveira, L. M. O. B.; Pacheco, J. T. B.; Schneider, A. A., & Cruz, T. (2005). Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: Uma comparação entre a percepção de pais e de mães de adolescentes. *Alethéia*, 21, 31-42.
- Wagner, A. (2001). *A família e a tarefa de educar: Estilos parentais utilizados na idade escolar*. Projeto de Pesquisa. Manuscrito não-publicado.
- Webber, L.N.D., Viezzer, A.P., & Brandenburg, O. J. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8 (1), p. 71-79.

Recebido em: maio/2007. Aceito em: mar./2008.

Autoras:

Janaina Thaís Barbosa Pacheco – Doutora em Psicologia pela UFRGS. Professora do Curso de Psicologia da ULBRA/Gravatá.
Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira – Doutora em Psicologia pela PUCRS. Professora do Curso de Psicologia da ULBRA/Gravatá.
Andréia Mello de Almeida Schneider – Graduanda do Curso de Psicologia da ULBRA/Gravatá.

Endereço para correspondência:

JANAÍNA THAÍS BARBOSA PACHECO
Rua Miguel Tostes, 566/403 – Rio Branco
CEP 90430-060, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: janainapacheco@uol.com.br